

50 ANOS DA CONSTRUÇÃO

O engenheiro cartográfico Dyoner Peixoto participou do levantamento aerofotogramétrico que serviu de base para erguer a capital

O homem que viu Brasília do céu

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

O chapadão mais de mil metros acima do nível do mar já havia sido esquadrihado pelos aerofotogrametristas e topógrafos da Geofoto, a empresa responsável pelo levantamento aerofotogramétrico da região que serviu de base para os estudos do Relatório Belcher. A bordo (quase sempre) de um Douglas DC-3, o bimotor de prefixo PP-WAB, o engenheiro cartográfico Dyoner Peixoto de Almeida, hoje aos 80 anos, na época aos 30, orientava o fotógrafo a 1.530 metros acima do solo, em média. Peixoto era quem determinava a rota e os locais que deveriam ser fotografados. (Havia uma equipe de mais de uma dezena de cartógrafos, fotógrafos, engenheiros e técnicos da Geofoto que desde 1953 fazia o levantamento aerofotogramétrico da região onde a nova capital seria construída.

Passados 52 anos de seus primeiros vôos nos céus do Planalto Central, Peixoto é um plácido morador de uma casa em um condomínio do Grande Colorado. Vive quase na encosta de um dos morros da Apa do Cafuringa, a montanhosa área de proteção ambiental nas redondezas do Plano Piloto. À esquerda da varanda de sua casa desdobra-se um imenso vale e lá no fundo o cerradão ainda virgem, colado no céu, para que Peixoto não se esqueça de como era a região antes de chegada dos candangos, das máquinas e da urbanização.

A paixão pela cartografia começou na adolescência. Aos 14 anos, foi ajudar o pai na 1ª Divisão de

Levantamento do Serviço Cartográfico do Exército. Entre 1954 e 1960, sobrevooou os céus da capital federal, cartografando a região de uma ponta a outra. Lá de cima percebeu um chapadão entre os córregos Bananal, Riacho Fundo, Vicente Pires e Paranoá. Um local perfeito para se construir uma cidade sem muitas obras de arte. (Obras de arte no sentido que a construção civil dá a ela, ou seja, sem muito movimento de terra, viadutos, aterros, pontes.) O chão perfeito para uma cidade derramada sob o céu.

Sem conforto

No entremeio de seus vôos sobre a capital em construção, Peixoto participou dos estudos das curvas de nível da estrada de ferro entre Brasília e Pires do Rio (GO). E continuou fazendo os levantamentos fotogramétricos da cidade que surgia, sempre para a Geofoto, empresa hoje extinta. Sempre como navegador de vôo, Peixoto participou da equipe que definiu a curva de coroamento do Lago Paranoá — a área que seria coberta pelas águas do rio tão logo as comportas da barragem fossem fechadas.

Seu muito suor antes e durante a construção de Brasília não lhe rendeu nenhum conforto extra. Na noite de 20 para 21 de abril de 1960, por falta de lugar para se hospedar, Peixoto dormiu no avião, um bimotor Piper Apache, americano. Disso não se queixa. Orgulha-se. Do mesmo modo que sorri quando conta que se formou na primeira turma de Engenharia Cartográfica do Brasil, já aos 42 anos.

Zulika de Souza/CB - 9/11/06



AOS 80 ANOS, O ENGENHEIRO DYONER PEIXOTO SE LEMBRA ATÉ DO PREFIXO DOS AVIÕES NOS QUAIS VOAVA

AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES

OCTUBRO DE 1956

DIA 9 — Abre-se um campo de pouso junto à Fazenda do Gama.

DIA 21 — Chegam os primeiros caminhões trazendo material para a construção do Catetinho.

DIA 22 — Instala-se uma estação de rádio-transmissora na Fazenda do Gama, de prefixo PYVA. Nessa noite, o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, recebe a primeira comunicação por rádio direto da fazenda.

DIA 24 — Aterrissa em Brasília o primeiro avião da FAB, o NA 1621, vem inspecionar o novo campo de pouso.

DIA 25 — É instalado, na Fazenda do Gama, um gerador de 75 KVA. Chegam o primeiro aquecedor elétrico e a primeira geladeira. Fabrica-se o primeiro gelo em Brasília. Chegam caminhões com móveis e objetos para mobiliar o Catetinho.

DIA 29 — Começam a ser instalados os serviços de radiotelegrafia e da Rádio-Farol da Panair do Brasil.

NOVEMBRO DE 1956

DIA 1º — O presidente da Novacap, Israel Pinheiro, o arquiteto Oscar Niemeyer e o dono da construtora Rabelo, Marco Paulo Rabelo, escolhem o local onde serão construídos o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel (obras que começaram antes do concurso do Plano Piloto de Brasília)

DIA 3 — Cresce o número de barracas de lona e começam a ser construídas pequenas casas de tábuas para alojamento dos operários. Tratores começam a abrir clareiras no cerrado para a terraplanagem e abertura de estradas de serviço.

DIA 6 — O Catetinho fica pronto.

DIA 10 — Juscelino visita novamente a área onde Brasília começa a ser construída. Dorme, pela primeira vez, no Catetinho.

DIA 27 — O Conselho de Administração da Novacap autoriza a dispensa de concorrência administrativa para a importação de 21 jipes e quatro automóveis. Autoriza também a contratação de serviço de água e esgoto. Aprova também a dispensa de concorrência pública para a compra de aviões Cessna.

Obras sem concorrência

Choveu muito naquele primeiro novembro da construção de Brasília. Tanto que se formou uma fila de mais de 100 caminhões atolados na tosca e enlameada estrada de terra que ligava Anápolis (GO) à futura capital. Por aqui só havia barracas de lona — as duas únicas exceções eram as antigas casas de fazenda do Gama e o Catetinho, que ficou pronto no início do mês.

A superpoderosa Novacap (a Companhia Urbanizadora da Nova Capital) abdicava de concorrências públicas para comprar os 10 primeiros caminhões FNM, os lendários fenemês, da Fábrica Nacional de Motores. Para a construção da nova estrada Brasília-Anápolis, para a aquisição de estruturas metálicas, a serem fornecidas pela Companhia Siderúrgica Nacional. Também foi dispensada a concorrência para a construção do Brasília Palace Hotel, do Palácio da Alvorada, do Aeroporto e da sede da Novacap, segundo relato do diretor-administrativo da companhia à época, Ernesto Silva, em seu livro *História de Brasília*.

Meio século depois, Silva explica que ao optar por não fazer concorrência pública o governo do presidente Juscelino Kubitschek



DYONER, EM FRENTE AO PALÁCIO DA ALVORADA, A RESIDÊNCIA OFICIAL DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

conseguiu a rapidez necessária para as obras. Naquele tempo não se recorria à Justiça com a facilidade com que se recorre hoje. "Escolhemos as melhores firmas do Brasil. Pagávamos 10% do que elas gastavam. E havia um órgão fiscalizador que conferia todas as despesas deles", conta Ernesto Silva. A instância fiscalizadora, composta por três membros, era vinculada à Novacap.

Acontecia assim: ao final de cada obra, a empresa construtora responsável apresentava as notas

fiscais de tudo quanto havia sido gasto — do material à mão-de-obra. O governo pagava o valor total mais 10% que, teoricamente, representava o lucro das empresas. Não são poucos, no entanto, os relatos de fraude na entrega de material. Muitos deles constam dos depoimentos ao Programa de História Oral do Arquivo Público. Os caminhões passavam mais de uma vez pela guarita de contagem da entrega de modo a multiplicar a quantidade a ser paga aos fornecedores. (CF)

CINEMA

VALE INGRESSO DE CINEMA

vale INGRESSO
vale INGRESSO

VÁLIDO ATÉ 28/12/2006
Ingresso Individual válido de Segunda a Quinta.
Exceto feriados.

Kinoplex

CINEMAS SEVERIANO RIBEIRO

Este convite pode ser utilizado sem custo por e-mail. Consulte a embalagem.

Convites válidos de segunda a quinta-feira, exceto feriados, para qualquer filme que estiver sendo exibido nos cinemas do Grupo Severiano Ribeiro, até 28/12/2006.

RESERVA DE CONVITE POR TELEFONE: Os primeiros 50 assinantes que ligarem, hoje, para a central de reserva de convites, tel: 3342-1020, de 19h10 às 19h20 terão garantido dois convites individuais para assistirem ao filme escolhido. Imprescindível informar código da assinatura e CPF do titular.

Informações sobre a retirada dos convites:
Data: terça-feira, 21/11
Horário: 10h às 17h
Local: Ópticas Famy & Famy Júnior
SCLS 105 B1.A Lj.28 - Asa Sul

Sessões exclusivas para assinantes do Correio Braziliense ou CorreioWeb.

Somente o titular da assinatura ou dependente legal (cônjuge e filhos) poderá retirar os ingressos.

Obrigatória a apresentação do cartão VIP e documento original de identificação. Cada assinante deverá escolher apenas um filme para o final de semana. Será aceita apenas um cartão por portador. Será obrigatória a comparecimento da rede na entrada do cinema.

CORREIO BRAZILIENSE
O JORNAL CAPITAL